



Em busca da cidadania plena

jornal RUMOS

Jornal da Associação Rumos | Movimento das Famílias dos Padres Casados no Brasil | Fundado em abril de 1982

Maria, Mater Ecclesiae, Ora Pronobis!

Maria: no Concílio Vaticano II - *De Maria a Mãe de Jesus*, Jacques Duquesne Edit. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005. Jornalista, escritor e editor da revista *Le Point* e colabora no jornal *La Croix*. Autor de muitos ensaios, entre eles *Jésus*, *Le Bonheur en 36 vertus*, *Dieu expliqué à mes petits-enfants*. (Síntese do editor de Rumos).

“Naquela terça-feira, 29 de outubro de 1963, os ânimos dos bispos e dos especialistas que participavam do concílio Vaticano II estavam muito tensos. Na noite anterior, muitos se encontraram; alguns num seminário, outros num restaurante, outros ainda num convento, para conciliábulos por vezes exaltados. Naquela mesma manhã, à entrada da basílica de São Pedro, onde se realizavam as reuniões plenárias, distribuiu-se uma espécie de panfleto, um apelo dos bispos orientais para influenciar um dos votos previstos por ocasião dessa assembléia.

→ continua na página 10



nesta edição

- 3 Projeto de atualização do LISTAR
- 6 Dom Hélder Câmara: nosso José do Egito (parte I)
- 13 Um ano de pontificado, nenhuma solução à vista
- 15 O que pensar do Evangelho de Judas?
- 17 Igreja Católica da China

A verdade vos libertará (Jo 8, 32)



Esta edição, transcurso do mês de maio, dedicado a Maria, mãe de

Jesus, e também às mães de nossos filhos, buscamos uma forma nova de homenagear a Nossa Senhora. Este jeito novo consiste em recolher alguns fragmentos do álbum de recordações de família, detendo-nos naquelas páginas que talvez muitos de nós não reparamos direito. O intuito é dar alguns passos na direção de um amor mais verdadeiro, animado por mais alguns valiosos detalhes de conhecimento. Para refrescar esta memória, valemos do excelente jornalista e pesquisador francês, Jacques Duquesne.

Na atual conjuntura da Igreja, bem que precisamos da silenciosa coragem de Maria para ir resistindo contra toda a esperança. Não há como dissimular que, muitos de nós estamos impregnados de desalento. Neste sentido, basta reparar no inventário que o colega Luiz Guerreiro nos oferece pelo texto que traduziu de avaliação do reinado de Bento XVI: Um ano de Pontificado, nenhuma solução à vista.

Não temos a mínima idéia de quando seremos bafejados por novas primaveras, nem quando teremos novamente entre nós um novo João XXIII ou um João Paulo I. Parece que as grandes figuras proféticas da Igreja que emergiram do Vaticano segundo, quando o colegiado episcopal da Igreja se consolidava foram todas sufocadas pela supremacia absoluta de João Paulo segundo. Algumas vozes remanescentes daquele período áureo, atingido seu limite canônico, não tiveram continuadores. Nem ao menos vislumbramos na Igreja do Brasil um profeta da estatura e da ousadia de Dom Hélder, ou de Dom Evaristo e Dom Pedro Casaldáliga. Assim, achamos que ter à vista pelo menos um perfil de Dom Hélder nos permitirá ir resistindo na esperança. Por ser longa a matéria, vamos apresentá-la em duas edições sucessivas. É que a edição passada ficou muito grande e pesada para ser acessada via internet. Inserimos também nesta edição, na seção da Visita Panorâmica, alguns fatos desafiadores que a Cátedra de Pedro terá que dirimir. ♦

Joarez Virgolino Aires



expediente

Rumos é um jornal bimestral editado pela Associação Rumos, a serviço do Movimento das Famílias dos Padres Casados no Brasil (MPC). **Editor responsável:** Joarez Virgolino Aires. **Revisor de texto:** Antônio Alves de Castro. **Secretário de redação:** Bismarck Frota de Xerez. **Jornalista responsável:** Mauro de Queiroz (MTb 15025 | fone: 11 5667-5185 | e-mail: maurinq@bol.com.br). **Projeto gráfico e diagramação:** Elisa Volpato (elisa.volpato@onda.com.br). **Impressão:** Copiadora Andrioli (Av. Vicente Machado, 198 cj. 101 sl. 01 | fone 41 3322-3725). **Colaborações:** textos, ilustrações e fotos devem ser enviados para o e-mail: virgolino.virgolino@yahoo.com.br. **Correspondência:** comunicações, sugestões e críticas devem ser dirigidas ao Jornal Rumos (Rua Visconde de Nácar, 1200 ap. 159 | Centro | CEP 80410-201 | Curitiba/PR | fone/fax: 41 3233-7714). **Textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal. São de responsabilidade dos autores.**

Contribuintes: toda correspondência relativa a assinaturas, mudança de endereço, pagamento e remessa de valores deverá ser dirigida unicamente a Germán Calderón Calderón (Rua das Violetas, 8 | Bairro Jardim Pérola d'Oeste | CEP 80015-170 | Guarapuava/PR | fone: 42 3623-5210), que recomenda que os pagamentos sejam feitos exclusivamente por depósito bancário ao **Banco do Brasil, agência 0299-2, conta 33.624-6, Guarapuava Paraná.** CNPJ 02.618.544/0001-47, Sede Pessoa Jurídica: SRTN QT. 701 Ed. Centro Empresarial, sala 622A, Brasília/DF. Guarde o seu comprovante de depósito e remeta uma cópia para Germán Calderón Calderón (Rua das Violetas, 8 | Bairro Jardim Pérola d'Oeste | CEP 80015-170 | Guarapuava/PR | e-mail: germancalderon@brturbo.com.br). Assinatura anual: R\$ 30,00 ou, pela taxa anual da Associação: R\$ 120,00 (R\$ 10,00 mensais).



Projeto de atualização do LISTAR

Quem somos, onde estamos, o que fazemos?

Como podemos amar a quem não conhecemos?

Ao erguermos a bandeira de reeditar o nosso LISTAR, cobrados e incentivados por diversos colegas, entre eles o indefectível e indispensável irmão João Tavares, em nossa edição 196, janeiro/fevereiro de 2006, imaginávamos que até final de junho do corrente ano teríamos coletado muitas informações. Ledo engano. Até o presente momento, contando com uma lista de 12 endereços atualizados que o colega Nelson Jacob Bunn nos enviou de Lages, SC, temos um inexpressivo total de 90 pessoas. Tivemos ainda o comunicado de Paulo Belém que nos enviou, pela ECT seus dados familiares, de Recife, PE. Do mesmo estado recebemos também os dados familiares do Colega Oriel Ramos Wanderley. Do ceará, o colega Eugênio Dantas Medeiros também nos enviou os seus da cidade



de Crato. Fora estes, além dos que já informamos na edição 197, o silêncio de informações tem sido absoluto. Assim, vamos manter viva a chama do apelo na coleta de dados por todo este ano e veremos até onde podemos chegar. ♦

Agradecimento LISTAR

Agradecemos aos companheiros que têm se empenhado em atualizar o LISTAR,

nos enviando a atualização da sua família e especialmente àqueles que têm nos enviados a atualização dos amigos próximos. Das famílias dos padres casados que tem conhecimento e possibilidade de contato. Muito obrigado.

Porem estamos muito aquém de atualizar as informações dos padres casados e suas famílias identificados na última edição do LISTAR.

Sabemos que ali não estão todas as famílias dos padres casados daquela época. E desde então mais presbíteros optaram pelo casamento, pela vida em família, pelo ministério na igreja doméstica. No

testemunho do sacerdócio dos batizados casados.

Onde estão os que optaram na mesma época que nós e não estão na edição anterior do LISTAR?

Quem nos sucederá na continuidade do MPC? Como articulá-los conosco?

Como juntar a experiência do MPC sem o encontro das novas gerações que vivem a nossa luta?

O LISTAR não é fim, é meio.

Precisamos atualiza-lo. Contamos com Você.

Procure os irmãos, suas viúvas, seus filho(a)s. Envie-nos as informações.

O MPC é das famílias dos padres casados.

Interessa às viúvas e filha(o)s dar continuidade ao sentido da luta que nos move. ♦



cartas

LISTAR

Com votos de muitas felicidade estou enviando meus dados para a nova LISTAR, tão esperada e suspirada. Nota 10 para o Jornal Rumos, que muito me tem agradado pelos seus artigos, notícias e lembranças de antigos colegas. *Paulo Belém Rocha, Recife, PE.* ◆

SOS RUMOS

(...) Topei seu pedido e seu apelo e estou fazendo já. (...) Nem gostaria de abordar o problema financeiro da Associação dos padrecos casados. São poucos que sofrem com isso. E, como sou um destinatário que não paga e antes que suspenda a minha assinatura, estou enviando os meus 50 mirreiros e de alguns outros colegas. Entristece-me estar contado entre os 84 colegas que está recebendo o jornalzinho sem por ele pagar. Por esses dias, vou recolher os 50 de alguns colegas de João Pessoa e lhe envio. E vamos às sugestões: em primeiro lugar, estender sua carta a todos os Lúcius que não pagam. Em segundo lugar, melhorar ainda mais o jornalzinho e conseguir uma meio dúzia de propaganda. (...) Eu, pessoalmente, encarregar-me-ei de conseguir algumas. Mas, não espere muito não, de um velhinho de 78 anos. Em terceiro lugar, meter algo engraçado aí pelas páginas. Não só de Boff vivemos nós! *Florisval Lúcio, João Pessoa, PB.* ◆

Renovaram contribuição ao MPC/Rumos

Nenhuma nova contribuição ou novo sócio (R\$120,00 - taxa anual). ◆

Renovaram assinatura Jornal Rumos neste mês de maio (R\$30,00)

Nilda Corrêa dos Santos, Jacupiranga SP.
Henrique de Moura Faria, Belo Horizonte MG. ◆

De Curitiba, PR, Bismarck Frota de Xerez redige APELO ONE:

Procura-se homem ou mulher solidário. Encontra-se perdido o Sr. Fundo de Caixa. Este generoso senhor vem cobrindo as despesas do Jornal Rumos (66 pagam para 88 receberem, sem pagar). Porem com as oportunidades abertas pelo Sr. Mercado, a variações do Sr. Tempo e da Sra. Intempéries, mais os prejuízos causados por outros parentes próximos, até então desconhecidos ou só existentes em outras terras, resultou em que R\$ 30,00 pela assinatura anual do Jornal Rumos não tem coberto as despesas. Devido o Sr. Fundo de Caixa encontrar-se na UTI, tivemos que restringir a tiragem do jornal aos compromissos assumidos: assinantes e associados. Nenhum movimento se expande se se fecha em si mesmo. Nossa luta, nosso ideal, precisam ser conhecidos por outras pessoas e entidades. E quem deve custear somos nós, os interessados. Apelamos para contribuições voluntárias, enquanto discutimos uma solução. Incluir-se entre os Sócios que pagam 120,00 por ano, seria um bom começo! Atualmente, nesta condição, temos apenas 76 pessoas. O nosso antecessor Eliseu, discípulo de Elias, acreditou e os pães se multiplicaram. Oremos. ◆

De Londrina, PR, Geir informa por e-mail:

No dia 19 de março de 2006, aqui no Edf. Rio de Janeiro, nossa residência, reuniram-se: Aloíseo Fávoro e Ester mais a Filha; a Rute, viúva do Eduardo Afonso e a filha Patrícia; Francisco Pietrek e Terezinha; Geir e Antonieta; Leonardus e Orildes; Marcos Kuceki, Regina e duas filhas. Almoço com problemas e não podemos ficar parados. No encontro do Conselho de Pastorais, realizado na semana anterior, uma senhora tomou a palavra e perguntou ao Arcebispo qual o aproveitamento dos padres casados. Cada um, segundo seus talentos está trabalhando. Em tempo: Dom Albano já não é mais o Arcebispo pois foi nomeado o novo Arcebispo, D. Orlando Brandes, que vem de Joinville, Sta Catarina e tomará posse em julho. ◆



Dumtudo

(Oves et Boves et Universa Pecora)

Atendendo sugestão do colega Florisval Lúcio Pereira, Rumos abre este espaço, esperando receber contribuições nesta direção, se isto for no beneplácito dos leitores. Nesta edição seguem algumas das proposições que o próprio Lúcio nos encaminhou. ◆

Amor e amor

É um desastre ter coração sem inteligência. Outro desastre: ter inteligência, sem coração. Ame para saber. Saiba para amar. Como se parecem o amor e o mar! Ambos têm vagas, ambas têm majestade. Ambos teimosos, ambos panorâmicos.

Não se sabe quem veio primeiro: o sofrimento ou o amor. O que se sabe é que quem ama sofre e quem sofre ama. Duas coisas pede o amor: não pagar o que recebe, não cobrar o que dá. A seriedade do amor tem dois tempos: viver, a fim de amar. E amar, a fim de viver.

Para gostar de veras e não apenas gostar de estar gostando, descubra no amor, além de um elemento de afinidade, um de infinidade.

Nem sempre o poder pode pagar as despesas do amor. Mas o amor paga sempre qualquer despesa do poder.

O sentimento é envelope sem carta. O amor pode não ter envelope, mas sempre tem carta. Como é tirano o poder sem amor! Como é irmão e forte o amor, mesmo sem nenhum poder!

O amor condicionado não tem condição de ser amor. ◆

Vocabulário ao pé da letra

Pesquisa do Lúcio

Amazonas: apreciador do baixo meretrício.

Desbotar: quando a galinha bota 10 ovos.

Desdentada: o mesmo que dez mordidas.

Detergente: ato de prender indivíduos suspeitos.

Entreguei: estar cercado de homossexuais.

Fluxograma: direção em que cresce o capim.

Homossexual: sabão em pó para lavar as partes íntimas.

Pressupor: colocar preço em alguma coisa.

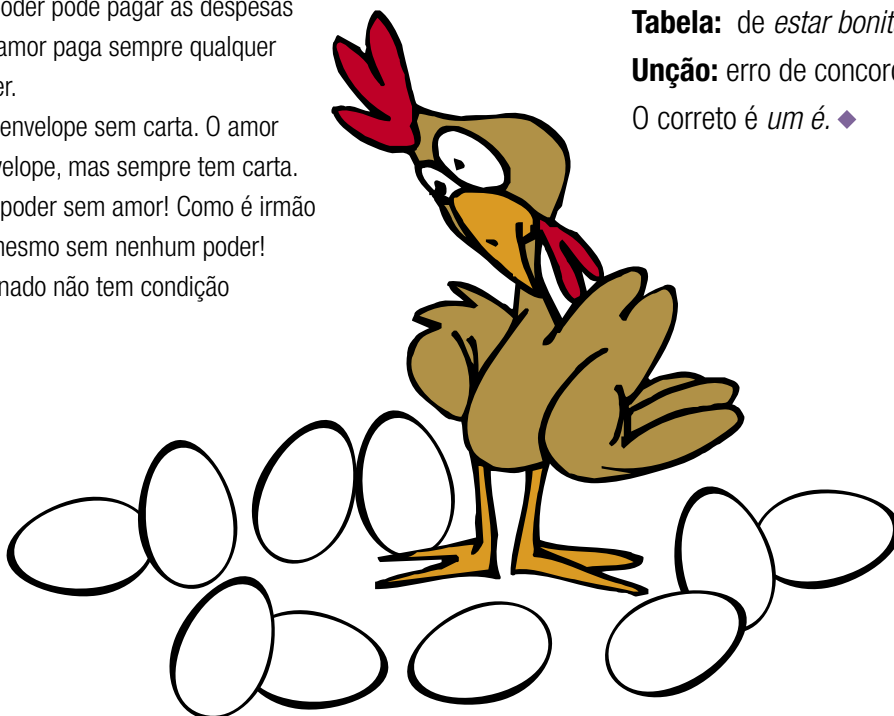
Solução: forte solução.

Superstição: crioulo muito forte.

Tabela: de *estar bonita*.

Unção: erro de concordância.

O correto é *um é*. ◆





Dom Hélder Câmara: nosso José do Egito (primeira parte)

Organização do texto: Joarez Virgolino Aires

Breves dados biográficos

(Apud: 1. *Dom Hélder Câmara entre o Poder e a Profecia*, Nelson Piletti/ Walter Praxedes, àtica, 1997; 2. *Hélder, o Dom – uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*, org. Zildo Rocha).

Pai : João Eduardo Torres Câmara

Filho, guarda-livros da principal empresa de comércio do Ceará, a Boris-Frères.

Mãe: Adelaide Rodrigues Pessoa, professora primária.

Hélder Pessoa Câmara nasceu em um domingo, 7 de fevereiro de 1909, às 22 horas, à Praça dos Mártires. Curiosa e bem original foi a escolha do nome. Sendo já o décimo primeiro filho do casal, o repertório dos nomes preferidos já se havia esgotado. João Eduardo, ao folhear um velho Atlas geográfico deparou-se com o nome ao extremo norte da Holanda e gostou do que viu. E decidiu: Hélder será o nome do menino.



◆ Adelaide Rodrigues Pessoa e João Eduardo Torres Câmara, pais de Dom Hélder Câmara

Infância

Criança recatada e um tanto tímido, por volta dos 4 anos começou a prestar atenção na forma como agiam os padres durante as cerimônias de batizados, casamentos, missas que freqüentava com os pais e já

vivia repetindo em casa: **quero ser padre, quero ser padre!**

Quando já contava oito ou nove anos de idade, seu pai o abordou nestes termos:

- Filho, você está crescendo e continua a dizer que quer ser padre, mas você sabe de verdade o que significa ser padre?

◆ Hélder Pessoa Câmara aos seis anos (fotografia de 1915)



O menino ficou quieto, meio acabrunhado com o questionamento do pai, que prosseguiu:

- Você sabia que para uma pessoa ser padre ela não pode ser egoísta, não pode pensar só em si mesma? Ser padre e ser egoísta é impossível, eu sei, são duas coisas que não combinam.

O olhar de Hélder revelava a atenção que dispensava às palavras do pai. Mas ainda não teve forças para falar o que estava pensando.

- Os padres acreditam que quando celebram a eucaristia é o próprio Cristo que está presente. Você já pensou nas qualidades que devem ter as mãos que tocam diretamente o Cristo?

Hélder, então, resolveu responder:

- Pai, é um padre como o senhor está dizendo que eu quero ser.

O menino parecia convicto, e como já havia anos que manifestava cotidianamente aquele desejo, João concluiu que o melhor a fazer era ajudá-lo a conseguir o que queria.

- Então, filho, que Deus te abençoe! Que Deus te abençoe! Você sabe que não temos muito dinheiro, mas, mesmo assim, vou pensar em como ajudá-lo a entrar para o seminário.



Estudos

Aos 11 anos Hélder começou a freqüentar as aulas de dona Salomé Cisne. Ali as crianças aprendiam história, geografia, português, francês e matemática, na única sala existente e sempre com a polivalente e enérgica dona Salomé.

Nesta época, reinava soberana a palmatória. Semanalmente havia uma competição entre eles em torno dos assuntos estudados durante a semana: um aluno perguntaria a outro. Caso o inquirido não conseguisse responder ou errasse a resposta, o que havia perguntado poderia responder. Se sua resposta fosse correta, deveria pegar a palmatória e bater nas mãos do que não respondera. O castigo era motivo para a sala inteira vibrar. Quando chegou a vez de Hélder a professora pediu que fizesse sua pergunta, no que foi atendida, mas o colega questionado não soube responder. Então, a professora voltou-se para Hélder e ordenou: - Agora responda você.

Depois da resposta correta, a professora novamente ordenou: - Bem, você sabe o que tem a fazer.

- Mas, professora, sou incapaz de bater em alguém
- disse-lhe Hélder, enquanto os outros acompanhavam ansiosamente e em silêncio a discussão. - Neste caso, será você a receber o castigo. - Prefiro mil vezes apanhar que bater - retrucou Hélder.

O clima da sala ficou tenso com a discussão, e a professora, sentindo-se ofendida com a desobediência do aluno, resolveu encerrar a competição e dispensar os alunos. À tarde, dona Salomé chegou para conversar com dona Adelaide e as duas se trancaram em um quarto por mais de uma hora. Na saída, Hélder notou que sua professora estava triste e de cabeça baixa. Logo depois a mãe chamou-o e disse:

- Você vai continuar com sua aula. Como está em seu último ano de curso, dona Salomé aceita continuar a recebê-lo e vai suspender os castigos com a palmatória.

Hélder sentiu-se aliviado, mas com um pouco de remorso, pois a mãe também lhe contara que a professora havia manifestado a vontade de parar de dar aulas, porque se "sentia incapaz de ensinar sem a palmatória. De seu erudito e culto irmão mais velho, Gilberto, herdou o apreço pela língua francesa, que logo aprendeu a dominar com fluência.

Depois de 3 anos no curso médio de dona Salomé Cisne, Hélder poderia ingressar no Seminário da Prainha para o correspondente ao curso secundário, já na quarta série, mas tinha a limitação de não ter aprendido latim. Por isso, foi aceito na terceira série. E isto ocorreu no início do ano letivo de 1923.

E, em pouco tempo, sobressaiu no rendimento escolar, em relação aos colegas. Dentre todos os seus colegas destacava-se Luiz Braga, único a conseguia nota máxima em todas as disciplinas, obtendo todos os prêmios atribuídos no final do ano letivo. Hélder tratou de tornar-se amigo do aluno brilhante. Logo no início da amizade provocou-o: Vou dar-lhe uma boa notícia, Luiz. Acho que deve ser muito monótono para você não ter concorrência. Farei o possível para tirar-lhe três prêmios: o de literatura brasileira, o de literatura portuguesa e o de literatura francesa. Os outros prêmios podem ficar para você.

Conheceu Padre Cícero

A pedido do Vigário Geral de Fortaleza, Monsenhor Tabosa Braga, Hélder dedicava suas férias para obter assinaturas para o jornal diocesano, *O Nordeste*. Chegando ao Juazeiro com carta de apresentação, o então Pároco padre Manoel Macedo o apresentou à comunidade, para divulgar o jornal. E fez isto por dois dias, sem nenhum resultado. Padre Macedo então recomendou que procurasse ajuda do padre Cícero, que contava então 83 anos mas muito lúcido.

Disse-lhe ele:

- Meu filho, se eu fosse agir humanamente, era para eu nem querer ouvir o nome desse jornal que tem sido ingrato comigo. Faz afirmações que não são verdadeiras e nunca mandou um repórter aqui nem me dá direto de resposta. **Você é um jovem seminarista e amanhã será padre. Eu devo provar para você que no coração de um cristão e, sobretudo, de um padre, não cabe uma gota de ódio.** Eu não assino nada sem ver. O seu eu vou assinar.

Hélder ficou emocionado e guardou as palavras do velho sacerdote.

a história de cada um



Padre aos 22 anos e meio

Num sábado, dia 15 de agosto de 1931, foi ordenado sacerdote junto com nove outros colegas, na Igreja da Prainha, dezoito meses antes da idade canônica. Polêmico e irrequieto, Hélder tomava iniciativas que surpreendiam a fina flor da sociedade fortalezense. Em texto autobiográfico diz Dom Hélder: **“Sombra, Jeová, eu e um jovem, quase criança, então, Ubirajara Índio, o queridíssimo Índio, chegamos a promover uma greve da Light.”** Incentivado por um artigo de Alceu de Amoroso Lima, então plenamente identificado com o integralismo, padre Hélder assumiu com seus amigos, a liderança do movimento integralista no Ceará.

Em fevereiro de 1934 Hélder foi o terceiro e mais esperado orador da Conferência Nacional de Educação, em Fortaleza. Ao final de sua conferência protagonizou a parte mais pitoresca do debate: - **Meus amigos, A ABE convidou-me para fazer uma palestra, mas depois não temos a menor possibilidade de interferir nas conclusões da Conferência. Então, aqui não tenho mais nada a fazer. Eu me retiro, e que meus amigos me sigam!** O teatro esvaziou-se rapidamente, deixando os educadores escolanovistas presentes totalmente estarecidos e surpresos. O desfecho da polêmica ocorreu poucos dias depois. Um grupo de jovens integralistas, vestidos a caráter, camisa verde e gravata marrom, comandados pelo próprio Hélder que, por baixo da batina preta, aberta ao peito, deixava à mostra sua camisa verde integralista, dá uma surra em Sussekin de Mendonça, no final da tarde, em frente ao café Emídio, na praça do Ferreira.



◆ O seminarista Hélder com o amigo Ubirajara Índio e, já padre, ao lado da mãe em fevereiro de 1933

Episcopado de Hélder

Em janeiro de 1936 chega padre Hélder no Rio de Janeiro. Em virtude de sua liderança e atuação no campo educacional em Fortaleza, foi incumbido pelo Cardeal do Rio, Dom Sebastião Leme da tarefa de assistente eclesialístico junto à ação Católica. Esta missão o levava a percorrer quase todos os estados do Brasil, entrando em contacto com grande número de bispos, tendo também oportunidade de acumular uma visão geral da situação da Igreja no Brasil. A bem sucedida experiência da ação católica o inspirou a criar também uma articulação nacional para a atuação conjunta do episcopado nacional.

A inquestionável capacidade de liderança de Hélder o conferiu-lhe desde logo projeção e destaque junto às principais figuras da hierarquia da Igreja católica.

Antes que a CNBB fosse criada, ocorreu a 3 de março de 1952 a eleição episcopal de Monsenhor Hélder Câmara. Mas seu sucesso em tudo que empreendia não demorou a azedar o bom clima das velhas relações de amizade ente Hélder e o Cardeal, Dom Jaime de Barros Câmara. Primeiro o Cardeal tentou levá-lo para uma espécie de exílio, na distante São Luis. Mas a fatalidade do precoce falecimento do jovem arcebispo de Olinda e Recife, Dom Carlos Coelho, acabou levando-o para este importante centro político do nordeste.



◆ Padre Hélder com o pai, momentos antes de sua sagração episcopal (20 de abril de 1952)



Dom Hélder Arcebispo de Olinda e Recife

Com a presença de 17 bispos, toma posse no dia 13 de abril de 1964. O regime militar dava as cartas no Brasil. Os bispos presentes assinaram uma declaração defendendo a realização das reformas de base no país.

Os prelados do Brasil à época eram cerca de duzentos. Assim é que, no mesmo ano, em maio de 1964, a Comissão Central da CNBB, em nota, rendia graças a Deus pela corajosa intervenção militar no Brasil ter poupado a Pátria de cair nos braços do regime bolchevista...

Já no dia seguinte à sua posse Dom Hélder teve os primeiros sinais da truculência militar instaurada no Brasil. Sua estratégia da sinceridade plena e do diálogo franco rendeu bons resultados inúmeras vezes, mas nem sempre. E isto se deu tanto frente aos militares presunçosos quanto diante de seus detratores também no mundo eclesialístico.

Dom Hélder e os nove Presidentes da República

Ao longo de sua brilhante trajetória pública, Dom Hélder teve oportunidade de relacionar-se com nove Presidentes da República. Observando a quantidade das referências registradas pelos autores Piletti/Praxedes notamos que, no início da vida pública de Dom Hélder elas eram mais numerosas e vão declinando ao longo dos anos. Nos períodos dos sucessivos Presidentes da República. À primeira vista esta atitude corresponde bem ao da trajetória da Igreja no Brasil. Duas conclusões gerais podem ser tiradas: primeiro que as referências aos mandatários da República são mais constantes nos períodos mais democráticos e mais escassos no período militar, quando os antagonismos ideológicos se tornam mais claros entre a Igreja Institucional e os ditadores militares de plantão. Muita cumplicidade com o poder temporal, no início e depois um distanciamento mais crítico. Na época de Getúlio Vargas os contatos e conchavos de Dom Hélder produzem material que os autores aqui citados referem em 24 páginas.

Depois de Vargas, foi com Juscelino que Dom Hélder teve mais proximidade. Inicialmente, opondo-se publicamente às movimentações golpistas de Lacerda. Juscelino recorria a ele em diversas situações buscando seus conselhos. À época da inauguração de Brasília, tentou, por tudo, fazer de Dom Hélder, o primeiro dirigente de Brasília. Mas Dom Hélder já estava vacinado pela tumultuada experiência no Integralismo.

Mais tarde, já sob Jânio Quadros, Dom Hélder estava entre os notáveis pela reforma agrária indicada por Jânio. Com a renúncia de Jânio mais uma vez Dom Hélder se opôs às articulações para afastar a posse do vice, João Goulart. Já com os presidentes militares, apenas Castelo Branco permitia-lhe diálogos francos. Mesmo no ostracismo Dom Hélder nunca se omitiu nos momentos mais críticos ou mais negros da ditadura militar. Durante o regime militar sua voz é ouvida apenas na Rádio Olinda, de 1964-83, sendo proibido e censurado na mídia.

Dom Paulo Evaristo narra em seu depoimento relatado no livro comemorativo dos noventa anos de Dom Hélder: **Na posse de Dom Aloísio em Fortaleza, havia muitos bispos e cardeais presentes. Todos eles, quando anunciados, foram saudados com salvas de palmas. Mas quando foi mencionado o nome de Dom Hélder, o povo silenciado há séculos ficou de pé, deu um grito e bateu palmas sem parar durante mais de cinco minutos. (...) Até hoje, dentro de mim, continua batendo palmas todas as vezes que ouço seu nome!** ◆



◆ Dom Hélder com os Presidentes João Goulart (acima) e Juscelino Kubitschek



Maria: no Concílio Vaticano II

Jacques Duquesne

Jamais o Concílio se dividira tanto

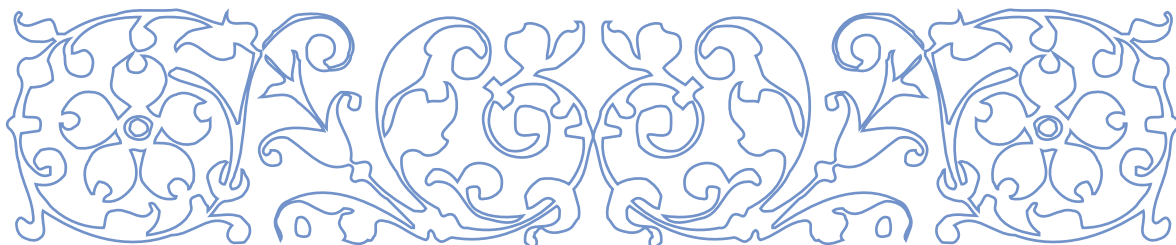
O anúncio desse voto se fez num silêncio intenso. A proclamação do resultado: de 2.193 votantes, 1.114 haviam votado placet (a favor) e 1.074, non placet (contra). Apenas quarenta vezes separavam uns dos outros. Bastou que cerca de trinta bispos mudassem de lado para desequilibrar tudo. Jamais o concílio, que geralmente contava com maiorias consideráveis e até mesmo com a quase unanimidade, se dividira a esse ponto. Foi uma grande consternação. E essa divisão deixou marcas profundas. (...) É que o concílio não se havia dividido em dois a respeito de tema anódino. Tratava-se de Maria. (...) Antes mesmo de sua reunião, por ocasião dos trabalhos preparatórios, muitos bispos, preocupados, como diziam alguns em linguagem florida, em acrescentar “novas pedras à coroa gloriosa de Maria”, pediram que o concílio a “definisse” (termo dogmático) como co-redentora e mediadora. (...) Os teólogos que sustentaram o termo “co-redentora” e a idéia se referiam ao antigo paralelo entre Eva e Maria. Eles citavam de bom grado Santo Agostinho: “Por uma mulher fôramos precipitados na morte, por uma mulher a salvação nos foi dada.” Ou ainda São Bernardo, que qualificava Maria de “fonte da graça, mediadora da salvação, reparadora dos séculos”. E, na verdade, tais qualificativos não eram raros, sobretudo no Oriente.

Maria “co-redentora”

Mas o termo “co-redentora” surgiu principalmente no final do século XIX. E não foi por acaso. Talvez possamos distinguir várias razões:

- 1) A proclamação do dogma da Imaculada Conceição acabava de abrir o caminho para os mariólogos .
- 2) Também nesse século, o culto a Maria tinha conhecido, especialmente na França, um desenvolvimento extraordinário. O clero o havia favorecido após o retorno da realeza, que marcava o fim de um período em que esse país podia ser considerado o campeão do sentimento anti-religioso. (...)
- 3) O desenvolvimento da devoção a Maria também correspondia às inquietações dos povos. A revolução industrial havia subvertido as estruturas sociais. As guerras haviam provocado dezenas de milhões de mortos. Após ter celebrado a ciência e a tecnologia, sua filha, a humanidade, começava a temer seus frutos. A necessidade de uma proteção, de uma protetora tornava-se cada vez mais urgente.
- 4) (...) Em Roma e por toda parte no Império, adorava-se a Grande Mãe, ou Mãe dos deuses, ou Venus Genitrix.

Pode-se acrescentar que muitas festas marianas substituíram, nas mesmas épocas e nos mesmos lugares, celebrações de deusas mães de importâncias diversas. Em Roma, a Candelária substituiu a festa



de Juna Februa (mãe de Março) e de Prosérpina (Perséfone), cuja festa das Luzes os romanos celebravam com círios e tochas; de maneira que, ao final do século VII, a fim de dar um “objetivo melhor” a esse costume, o papa Sérgio I fixou no dia 2 de fevereiro a festa da “purificação” da Virgem. Igualmente, podemos encontrar correspondências entre o “mês de Maria”, celebrado em maio, e especialmente a festa de Flora, deusa romana da primavera, situada na mesma data.

5) Última razão talvez do desenvolvimento do culto de Maria: podemos sugerir – sem cair em considerações psicológicas muito arriscadas – que esse desenvolvimento resulta do fato de ser o aparelho da Igreja constituído de homens celibatários. (...)

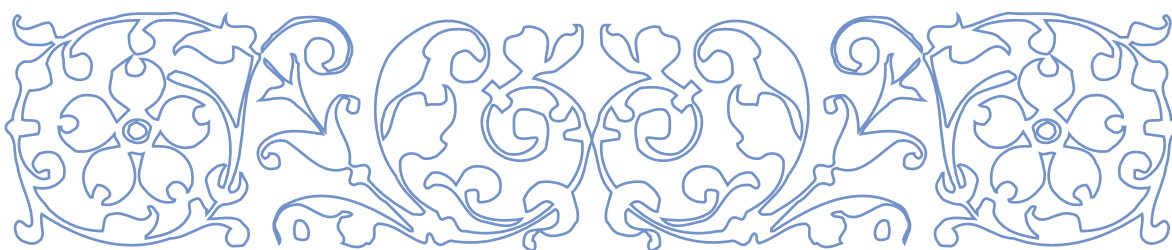
A Virgem Maria, sujeito de divisão

“A Virgem Maria, que deveria nos unir, torna-se um sujeito de divisão”, notou, triste, em seu jornal, o padre Yves Congar, especialista no concílio, futuro cardeal, no dia do voto de crise, evocado no início deste capítulo. E, algumas páginas adiante, acusou alguns bispos “maximalistas” de utilizarem “procedimentos muito duvidosos de logro”. O que nos dá uma idéia da atmosfera. “Isso não me surpreende”, acrescentava ele, “há muito tempo que a mariologia só vive disso. Pelo menos aquela que sempre quer acrescentar alguma coisa. Trata-se de um verdadeiro câncer no tecido da Igreja.”

Ele não era o único a pensar assim. (...) Por fim, os bispos reunidos em Roma em novembro de 1964 foram levados a um acordo após terem sido convocados pelo cardeal alemão Frings, entre outros, a sacrificar, cada um, “alguma coisa de suas preferências pessoais”. O texto final, prudente, salientava que o concílio “não tem a intenção de fazer a respeito de Maria uma análise doutrinal completa nem de resolver as questões que o trabalho dos teólogos ainda não conseguiu esclarecer totalmente”.

Ele evita com grande cautela a designação de “co-redentora”, mas dá a Maria um papel eminente na “salvação eterna” dos homens. Ela é “associada à obra (do “divino Redentor”) de modo absolutamente único”. É chamada de “mediadora” entre os homens e Deus, mas “nenhuma derrogação, nenhuma adição resulta dela quanto à dignidade e à eficácia do único mediador, que é Cristo”.





Paulo VI: declarada Mãe da Igreja

Quatro dias mais tarde, talvez para reconfortar os “maximalistas” um tanto desnorteados, bem como provavelmente por convicção pessoal, o papa Paulo VI, cercado de guardas nobres em gibões de veludo preto e culotes à francesa, anunciou ao final de um discurso muito longo que ele declarava Maria “Mãe da Igreja”. Fato esse que o público presente aplaudiu muito. Ora, a comissão teológica abstivera-se prudentemente, apesar das múltiplas pressões, de adotar esse termo. É bem verdade que outras ocorrências de textos oficiais haviam qualificado Maria como “filha” ou “irmã” da Igreja, e a Igreja como “esposa de Cristo”, de quem Maria é a mãe. Com o respeito que convém, devemos constatar que essa multiplicação de epítetos mais contraditórios nada acrescenta à sua glória. Essa proclamação feita pelo papa Paulo VI lhe fora pedida, entre outras, dois meses antes, por todos os bispos da Polônia, dentre os quais pelo monsenhor Karol Wojtyła, futuro papa João Paulo II. Num livro publicado em 1973, o cardeal-arcebispo da Cracóvia qualifica Maria ao mesmo tempo como “Mãe e Esposa”

da Igreja, da qual Jesus também é esposo ... E utiliza o termo “Mediadora” (com maiúscula), que Pio XII, prudente, recusava empregar, diante da dificuldade de explicar que, sendo Cristo “o único” mediador, a mediação de Maria lhe era subordinada. O futuro João Paulo II, nesse livro, assinala bem essa diferença, mas, tornado papa, utilizará o termo “mediadora” sem marcar nuances. Poderia continuar fazendo o mesmo em suas orações, em seus discursos, em suas homilias? Seguramente não. Hoje, a doutrina da Igreja católica sobre Maria é tão complexa que o povo cristão não consegue reconhecer-se nela. Ela acaba com a clareza da mensagem evangélica. E com a simplicidade do personagem. “Nós a mostramos como sendo inacessível, mas seria preciso mostrá-la como sendo imitável”, dizia de Maria outra jovem mulher forte, Teresa de Lisieux. E a conferência teológica das mulheres asiáticas, em 1987, atribuiu-lhe as seguintes palavras: “Que me fizeste? Que fizeste de mim? Não posso reconhecer-me na mulher que quereis que eu seja.” ♦





Um ano de pontificado, nenhuma solução à vista

Tradução: Luís Guerreiro

Completado um ano da eleição de Bento XVI, o Movimento “Nós somos Igreja” faz uma avaliação deste seu primeiro ano de pontificado e verifica, com pesar, que nenhum passo concreto foi dado na solução de questões e problemas essenciais que desde há muito vêm sendo protelados. Como Papa Bento XVI, a imagem pública de Joseph Ratzinger, graças também aos meios de comunicação, mudou, sem dúvida, notavelmente. Mas a estagnação teológica e pastoral resultante dos vinte e três anos da sua ação de supremo guardião da fé e o clima de angústia e torpor reinantes no interior da Igreja continuam a produzir efeitos um ano após a morte de João Paulo II (02/02/2005). Apesar de alguns sinais muito esperançosos, os esforços de Bento XVI como “construtor de pontes” ou “pontifex” (um dos títulos do Papa) não se revelaram até agora, no entender do movimento de reforma “Nós somos Igreja”, verdadeiramente convincentes e frutíferos, como o demonstram os seguintes exemplos:

- 1) No início do seu pontificado, Bento XVI declarou-se a favor da colegialidade e da herança do concílio Vaticano II.** Todavia, contrariando a própria modéstia pessoal do Papa, a apresentação que dele faz a mídia, continua a acentuar, muito além do que é justo, o ministério centralista de Pedro. E o seu antecessor, em contradição com a relevância que lhes reconheceu o Vaticano II, ofuscou cada vez mais as Igrejas locais e os fiéis. Bento XVI ainda não corrigiu isso.
- 2) No Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia, em outubro de 2005, foi possível observar uma nova abertura no estilo de discussões.** Contudo, as opiniões discordantes não encontraram nenhum acolhimento nos documentos finais, elaborados às

pressas. Resta esperar se e até que ponto Bento XVI faz também suas as posições de numerosos participantes sinodais que propunham reformas.

- 3) Quando da nomeação de novos cardeais, em março de 2006, o Papa, ao nomear o bispo Joseph Zen Ze-kiun de Hongkong, por exemplo, enfatizou uma nova política.** Em contrapartida, a nomeação do arcebispo de Bolonha, Carlo Caffarra, que, como presidente do Instituto Pontifício para a Família, comparou as práticas contraceptivas com o assassinio, foi, para muitas católicas e católicos, algo extremamente ofensivo.
- 4) Até agora, Bento XVI não introduziu nenhuma modificação significativa nos serviços do Vaticano.** No tocante à reforma da Cúria Romana, há muito reclamada, não se vislumbra por enquanto nenhum passo concreto.
- 5) A sua primeira Encíclica há pouco publicada, “DEUS CARITAS EST”, lançada com grande aprovação, faz uma clara distinção entre Igreja e Estado.** Com isso, mais irritante se torna a forte e recente ingerência do Papa na política italiana.
- 6) O Compêndio do Catecismo da Igreja Católica (um resumo do “Catecismo Universal” de 1992), publicado pelo Papa Bento XVI em 28 de junho de 2005, não representa, de forma alguma, o estado atual da Teologia, da Exegese e da Ética Teológica.** A sua fixação em questões de moral e costumes, com a reiterada condenação dos casais homossexuais, do divórcio e da anticoncepção, prejudica a credibilidade da nossa Igreja, principalmente enquanto não se proceder, de forma intransigente, contra o abuso sexual dos padres e religiosos com crianças, jovens e mulheres.



7) Admitiu-se há pouco ser necessário “pensar” num maior espaço para as mulheres na Igreja e numa mais forte participação delas em funções de chefia. Mas a isso se opõe, de forma decepcionante, a insistente declaração de que a ordenação sacerdotal está reservada exclusivamente aos homens.

8) A abolição do celibato obrigatório e a ordenação sacerdotal de mulheres foram rigorosamente postas de parte, tal como acontecia antes, por Bento XVI. Mas ele vai ter que enfrentar essas questões, uma vez que, durante o pontificado de mais de vinte e seis anos de João Paulo II, o número de padres diminuiu 4 por cento, enquanto o número de católicos e católicas cresceu, no mundo, em torno de 40 por cento. Quase metade das comunidades católicas do mundo, incluídas as terras de missão, não contam hoje com padre próprio.

9) O Vaticano noticiou pormenorizadamente o surpreendente encontro do Papa Bento XVI com o teólogo crítico Dr. Hans Küng, em 24 de setembro de 2005, em Castel Gandolfo. Contrariamente, os freqüentes encontros com os tradicionalistas (como, por exemplo, em 29 de agosto de 2005, com o bispo Bernard Fellay, sucessor do excomungado Marcel

Lefebvre) mereceram-lhe menos atenção. Aos pedidos dos movimentos de reforma que atuam dentro da Igreja, solicitando um encontro, jamais foi dada qualquer resposta.

10) Bento XVI disse, no início do seu pontificado, que queria dedicar todas as suas forças à unidade das Igrejas. Contudo, ao seu empenho ecumênico para com as Igrejas ortodoxas contrapõe-se a sua inação em relação às Igrejas da Reforma, ainda não reconhecidas como Igrejas por Roma como dantes. A esperança de que o especial conhecimento que Bento XVI tem do país da Reforma, representasse um importante passo em frente no ecumenismo, não se cumpriu até agora.

Será decisivo para o futuro do cristianismo que Bento XVI consiga resolver a questão, embaraçosa há décadas também para ele, da relação entre a Igreja universal de Roma e as Igrejas locais, entre a unidade da Igreja e a sua diversidade. Se ele, como teólogo universalmente conhecido, não encontrar no presente uma boa resposta, é possível que ninguém mais a encontre por muito tempo. E então será o retrocesso a tempos bem anteriores ao Concílio Vaticano II. **Para evitá-lo, Bento XVI deverá lembrar, com insistência, o que, em seus anos moços, como teólogo conciliar, escreveu e falou.** ♦





O que pensar do

Evangelho de Judas

Eduardo Hoornaert

A cadeia de televisão da 'National Geographic', dos Estados Unidos,

resolveu lançar, como pano de fundo à programação da Semana Santa 2006, as imagens de um papiro contendo trechos do 'Evangelho de Judas'. Não é a primeira vez que cadeias de alcance mundial (como a BBC, por exemplo) lançam programas por ocasião da Semana Santa. No ano passado a BBC causou grande impressão quando apresentou o rosto 'semita' de Jesus, baseado em estudos arqueológicos e antropológicos. As escavações em curso na cidade de Jerusalém e no Oriente Médio em geral costumam também servir para programações amplamente divulgadas (como no 'Fantástico' da TV Globo do domingo de Páscoa 2006, sobre Maria Madalena). A TV Globo costuma comprar esse tipo de programação por ocasião de festas religiosas. E assim o 'Evangelho de Judas' foi apresentado ao público brasileiro e causou grande impacto. Como vivemos em tempos de globalização, programações desse tipo certamente não de se intensificar nos anos que vêm.

Cultura popular baseada em superficialidades

Qual o valor desses programas? Um aspecto positivo está no fato de que eles fazem com que um amplo público venha a discutir assuntos antes reservados a especialistas, teólogos e pastores de diferentes igrejas. Assim, os leigos começam a discutir

assuntos antes reservados a padres e/ou pastores, o que é muito bom. Mas há um aspecto mais problemático: por causa do caráter necessariamente superficial de programas elaborados pela TV comercial e do sensacionalismo que lhes é inerente, esses programas acabam, não raramente, confundindo as pessoas e abrindo espaço para elucubrações de tipo esotérico, pseudo-psicológico e para a formação de uma cultura popular baseada em superficialidades e sensacionalismos.

O que dizer do programa da National Geographic (e da sua transmissão pela TV Globo)? O programa, ao rigor, não revelou nada de realmente novo, apenas tirou do baú e colocou sob a plena luz dos holofotes informações acerca de um evangelho já conhecido nos anos 180 dC.

Praticamente todos os apóstolos, assim como a apóstola Maria Madalena, tiveram seus evangelhos (espécie de memórias de seus trabalhos) De grande valor é, por exemplo, o Evangelho de Tomé, assim como o Evangelho de Maria. Muitos desses evangelhos, contudo, não têm nenhum valor histórico, pois foram escritos séculos depois da vida do apóstolo cuja vida pretendiam narrar. Com o tempo, as autoridades da igreja resolveram proibir a leitura, nos núcleos cristãos, de evangelhos não oficializados. Ordenaram que esses textos fossem queimados. Mas muitas pessoas preferiram esconder esses documentos que elas consideravam preciosos. Daí a palavra 'evangelho apócrifo',



ou seja, escondido. Escondidos e transmitidos de geração em geração, muitos evangelhos apócrifos se conservaram até hoje, por inteiro ou em fragmentos. Na sua obra 'Contra Heresias', escrita nos anos 180 dC, o escritor cristão Ireneu fala de um 'Evangelho de Judas' (veja Patrística IV, Paulus, São Paulo, 1995, 122). Ireneu escreve apenas duas frases sobre esse evangelho, mas dá para se perceber que se trata de um texto que bota tudo de cabeça para baixo e de pernas para o ar. Figuras rejeitadas na tradição judaica são admiradas, enquanto figuras admiradas são tratadas com desprezo. A serpente do paraíso não seduz Eva, mas a ensina a sabedoria. Caim é o filho bom, Abel não presta. Esaú está certo, Jacó está enganado. Coré (levita revoltado contra Moisés e Aarão, veja o livro 'Números' da bíblia, capítulo 16) está com a razão, Moisés está equivocado. Os sodomitas são santos, Abraão é pecador. Judas cumpre a vontade de Deus, Jesus a desconhece. Longe de ser um traidor, Judas é um artífice do cumprimento dos planos divinos ao fazer com que Jesus seja entregue à morte e assim redima toda a humanidade.

Tradição judaica e do evangelho cristão

Trata-se de uma 'carnavalização' da tradição judaica e do evangelho cristão. Tudo é visto pelo reverso da história tal qual vai contada nos livros sagrados. É uma desmoralização, e isso revela uma revolta muito grande. Não é raro encontrar o discurso de carnavalização, desmoralização e ironização na história da literatura (sátiras, bufonarias, ironias, comédias). Organizações ou pessoas que se sentem marginalizadas e incompreendidas costumam virar a mesa da honorabilidade e procuram se vingar de seus adversários pela zombaria e pela ridicularização, pela

ironia e pelo escárnio. Ora, no século II não faltavam conflitos entre grupos cristãos, como testemunha de forma inconfundível o já mencionado 'Contra Heresias' de Ireneu. É bem provável que o redator anônimo do 'Evangelho de Judas' tenha participado de um desses grupos marginalizados no seio do cristianismo, chamado (pelos adversários) o grupo dos 'caimitas'. O programa da TV ostentou uma folha de papiro. Tratava-se de uma cópia em língua copta (falada no interior do Egito) do texto original do 'Evangelho de Judas', escrito em grego. Continuamente se encontram papiros antigos nas areias do interior do Egito, que são vendidos pelos camponeses aos museus a centros de pesquisa daquele país. Só alguns desses pedaços de manuscritos são realmente importantes. Assim se encontrou, nos anos 1940, um manuscrito copta do 'Evangelho de Tomé', esse sim muito importante para a história do cristianismo. Para a ciência, um manuscrito antigo ganha em importância quando há um número considerável de cópias do mesmo texto. Do Novo Testamento se conservam mais de seis mil cópias manuscritas. Do 'Evangelho de Judas' só se encontrou uma cópia até agora, depois de tantos séculos. Isso prova que o texto não era muito difundido na época.

O valor histórico do 'Evangelho de Judas' está no fato que esse texto ajuda a identificar a existência de um grupo, provavelmente pequeno, pelos meados do século II, cujos participantes eram chamados 'caimitas' por seus adversários e detratores (como Ireneu). Esse evangelho ajuda a enxergar melhor a existência de conflitos entre grupos e tendências, nos primeiros tempos do cristianismo. Os que preferem Caim a Abel (e assim contradizem as sagradas escrituras) constituem um grupo de contra-cultura e de crítica ao cristianismo oficial, tal qual veio a emergir aos poucos na segunda parte do século II. ♦



Igreja Católica da China:

Bento XVI justifica posição do Vaticano

Na Igreja Católica os bispos são nomeados pelo Papa. Os bispos ordenados durante mais de 50 anos com a auto-eleição e a autoconsagração conheciam sua situação, e seu coração não estava em paz. Ao final dos anos 70 e começo dos 80, enquanto se foram fazendo mais fáceis os contatos com o exterior, estes bispos, através de algumas pessoas, confiaram seu pedido de perdão e reconhecimento à Santa Sé. Sempre que foi possível, o Papa aceitou muitos destes pedidos, e lhes pediu que o dessem a conhecer aos sacerdotes e aos fiéis leigos, sem pôr-se em oposição direta com as instituições do governo. Isto permitia aos bispos, sacerdotes e leigos viver com tranquilidade suas atividades de fé, ainda estando sob o controle do governo. Nos últimos 20 anos, ao final deste meio século, na Igreja oficial a importância para os bispos de serem nomeados pelo Papa foi, pouco a pouco, reconhecida por todos.

Conferência episcopal chinesa não reconhecida pelo Vaticano

Portanto, todos os candidatos episcopais eleitos pelo Conselho dos bispos chineses (uma espécie de conferência episcopal chinesa não reconhecida pelo Vaticano) e reconhecidos pelo Departamento de Assuntos Religiosos, todos enviam à Santa Sé o pedido de serem aprovados pelo Papa – e sabem que é necessário. Só depois de ter obtido a aprovação do Papa recebem a ordenação.

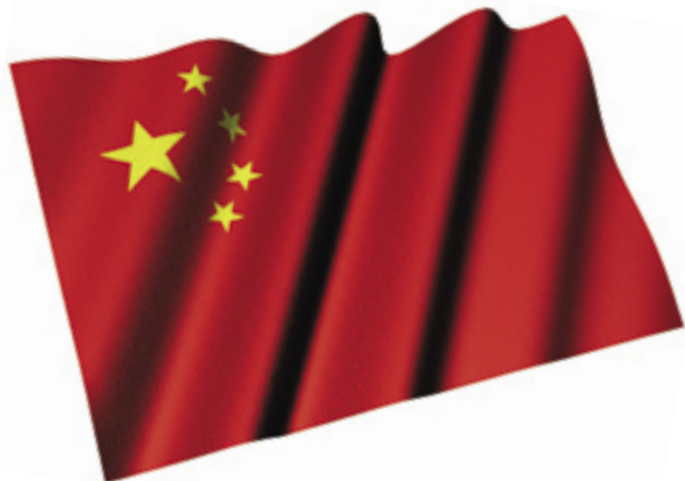
Precisamente por isto, na ordenação episcopal organizada pela Associação Patriótica a princípios de 2000, quando havia 12 candidatos, só se apresentaram 5, e foram à ordenação com os olhos cheios de lágrimas. Até os seminaristas do seminário nacional de Pequim, dependente de forma direta de Liu Bainian (vice-presidente da AP, o principal responsável

pelos recentes ordenações ilegítimas), rejeitaram essa ordenação. Depois daquilo, a Santa Sé recordou a todos que o cânon 1382 do Código de Direito Canônico estava ainda vigente.

Aqueles que foram obrigados a ser ordenados bispos de forma ilegítima (sem permissão da Santa Sé) não enfrentam uma situação fácil: os sacerdotes rejeitam em geral concelebrar com eles; os fiéis não querem participar de suas missas.

Na China há só uma Igreja Católica

Desta atitude de sacerdotes e fiéis surge um significado muito claro, na China há só uma Igreja Católica, e todos querem ser guiados pelo Papa. Nestes anos vários candidatos ao episcopado receberam a aprovação da Santa Sé, mas sofreram muitas dificuldades. O governo não lhes permite fazer pública a aprovação da Santa Sé, e assim nas celebrações estão obrigados a empregar a fórmula aprovado pelo Conselho dos bispos chineses, que substitui a aprovação do Papa. Só fora da ordenação se faz saber aos sacerdotes que o candidato foi confirmado e aprovado pela Santa Sé (todos os chineses conhecem este tipo de dissimulação).





visita panorâmica

Mas o papel não pode tapar o fogo: deste modo era impossível para a Associação Patriótica e o Departamento de Assuntos Religiosos realizar seus interesses.

Todos sabem que para as ordenações do ano passado dos bispos de Xangai e Xian, os dois ordenados foram antes nomeados pela Santa Sé; depois os bispos e os sacerdotes, para cumprir (na aparência) as normas do governo, levaram a cabo uma eleição. O governo teve de aceitar os dois candidatos.

Com respeito a estas duas ordenações, o governo foi mais silencioso; só o senhor Liu Bainian, em uma entrevista a Reuters, disse que nestes últimos tempos o governo chinês se havia feito muito tolerante.

A realidade é que China e Vaticano afirmam querer colaborar em uma sociedade harmônica, mas em uma colaboração passiva. Lamentavelmente, entre Santa Sé e governo chinês não há pacto. Por isso, esperamos que nas conversações entre China e Vaticano se possa encontrar um acordo aceitável para as duas partes.

Um acordo é nossa esperança de hoje. Mas a Associação Patriótica e o Departamento de Assuntos Religiosos obrigaram dois sacerdotes a aceitar a ordenação episcopal sem a aprovação da Santa Sé. Não compreendemos este fato e nos leva a perder a esperança. Na conclusão: quem é o que está fazendo retroceder as coisas? Cardeal Joseph Zen Ze-kiun. ◆

China ordena terceiro bispo sem aprovação do Vaticano

A China ordenou mais um bispo católico neste domingo, sem a aprovação do Vaticano.

Ao se tornar bispo da diocese de Mindong, na província de Fujian, Zhan Silu se tornou o terceiro religioso do país a ser ordenado à revelia do papa Bento XVI na última quinzena. O Vaticano condenou as duas últimas ordenações, classificando-as como “graves violações da liberdade religiosa” e chegando a ameaçar excomungar os novos bispos.

Líderes religiosos chineses acreditam que a ordenação deste domingo deve aumentar as tensões entre a China e a Santa Sé, cujas relações diplomáticas estão desgastadas há mais de 50 anos, desde o início do governo comunista. Analistas dizem ainda que a atitude do governo chinês também atrapalha recentes tentativas de reaproximação entre as duas partes.

Taiwan

A China não reconhece o poder do Vaticano de apontar bispos, mas nos últimos cinco anos permitiu que seus religiosos procurassem a aprovação do papa.

O país também já declarou que quer melhorar as relações com o Vaticano, mas, para isso, exige que este corte os laços diplomáticos com Taiwan, que a China considera parte de seu território.

A Igreja Católica na China é dividida entre a Associação Católica Patriótica, comandada pelo governo, e várias organizações não-oficiais ligadas ao Vaticano.

Estima-se que o país tenha 13 milhões de católicos, dos quais apenas 5 milhões seguem a Associação Patriótica. ◆





Igreja chinesa diz a Vaticano que não voltará ao “semifeudalismo”

Agência EFE, 16/05/2006

A Igreja Patriótica Católica Chinesa, desvinculada do Vaticano, “nunca voltará

ao semicolonialismo ou ao semifeudalismo, nem voltará a ser submissa ao domínio estrangeiro”, disse hoje seu porta-voz em declarações à agência oficial “Xinhua”.

A declaração foi uma resposta às pressões do Vaticano sobre a escolha de bispos. Em entrevista à agência, o vice-presidente e porta-voz da Igreja chinesa, Liu Bainian, defendeu a escolha de bispos independentemente do Vaticano ao afirmar que “a prática de eles serem designados pelo Papa começou há apenas 200 anos”.

Liu disse que, na maior parte da história do catolicismo, o bispo foi “eleito pelos fiéis, confirmado pelo imperador e consagrado por uma diocese vizinha”. As palavras do porta-voz da Igreja Patriótica - que, além de estar em conflito com Roma devido à recente eleição dos três bispos, é dependente do Partido Comunista da China -, são um novo desafio para as negociações entre Pequim e o Vaticano, iniciadas com o objetivo de restabelecer as relações diplomáticas rompidas em 1951.

“O próspero desenvolvimento da Igreja chinesa deve-se totalmente à prática nacional, com muitos anos de tradição, de se escolher e ordenar seus próprios bispos”, acrescentou o porta-voz Liu.

Como prova desse desenvolvimento, ele assinalou que o número de católicos na China aumentou de 2,7 milhões, em 1958, para os mais de 5 milhões da atualidade. No entanto, o Vaticano garante que existem na China 12 milhões de católicos que reconhecem o Papa. Além disso, denuncia a “perseguição” daqueles que são obrigados a realizar suas cerimônias na clandestinidade. Liu disse também que, se não fosse pela Igreja Patriótica, muitas das 97 dioceses chinesas estariam agora sem bispo.



“Uma diocese sem bispo é o mesmo que não haver Igreja”, assegurou Liu, que lembrou que, em 1980, logo após a Revolução Cultural chinesa, apenas 33 paróquias tinham preladados. Por este motivo, Pequim teve que começar a escolher muitos deles.

O porta-voz também negou que os católicos chineses e seus sacerdotes estejam isolados do Vaticano ou de outras comunidades católicas, destacando que 200 padres viajaram ao estrangeiro para melhorar sua formação.

Liu reconheceu, no entanto, que apenas 100 deles retornaram à China após esse período de formação.

A escolha unilateral de bispos desencadeou este mês uma grande polêmica entre Pequim e o Vaticano, que chegou a ameaçar com a excomunhão os novos preladados e aqueles que os ordenaram.

Para o restabelecimento das relações diplomáticas entre ambos (um dos desafios pessoais do Papa Bento XVI), a China exige que o Vaticano rompa seus laços bilaterais com Taiwan e não intervenha assuntos internos do país asiático. Entre estes, Pequim identifica a escolha dos bispos. ◆



visita panorâmica

Papa receberá um representante do patriarcado de Moscou nesta quinta-feira

Bento XVI receberá, (18/05/06) o presidente do Departamento de Assuntos Exteriores do Patriarcado de Moscou, o metropolita Kirill de Smolensk e Kaliningrado.

O encontro acontece depois da participação do representante da Igreja ortodoxa com o maior número de fiéis do mundo, de 3 a 5 de maio, em um encontro cultural organizado pelo Patriarcado e pelo Conselho Pontifício da Cultura.

O encontro entre o Papa e o metropolita, segundo confirmaram as fontes vaticanas, está previsto para as 18:00 horas desta quinta.

Após a audiência, às 19:00 horas, o representante ortodoxo assistirá a um concerto do coral do mosteiro "Sretenskiy"

de Moscou no Auditório da Conciliação, que se celebra por ocasião da nova igreja ortodoxa russa em Roma de Santa Catarina de Alexandria.

O mesmo metropolita Kirill abençoará a igreja às 11:00 horas desta sexta-feira. Às 13:00 horas desse dia, receberá na embaixada russa o prêmio da Universidade de Friburgo.

O programa de sua visita concluirá na sexta-feira, às 17:00 horas, com uma coletiva de imprensa na embaixada da Federação Russa ante a Itália.

Em sua intervenção no encontro de Viena, o metropolita Kirill, após recordar as tensões entre a Igreja Católica e a ortodoxa russa surgidas nos anos noventa, afirmou:

“Chegou a hora de reunir as pedras. Temos de tentar resolver juntos os problemas que estão na agenda de nossas relações”. ◆

